

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

## Publicações

Anuncios, cada linha, typo commim. . . . .	30 réis
Commencados . . . . .	60 "
Reclamos . . . . .	100 "
Artigos . . . . .	300 "

Quinta feira 18 de fevereiro de 1897

## Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros . . . . .	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros . . . . .	600 "
Numero avulso . . . . .	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros . . . . .	1.000 "

## RESUMO

O tiro civil, por PALERMO DE FARIA. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — As visuaes, por F. ABADIE. — Principaes disposições da lei de caça da Roumania, por M. OLAVRAC. — Associação Protectora da Caça em Tempo Defeito — Carta, por BAPTISTA DE SA. — A espingarda do futuro. — Carreira de tiro. — O cão doente, por NEMROD. — Martini. — Espingarda de repetição. — Caçando, couteiro e . . . roubando, por NEMROD. — Correspondencia.

## O TIRO CIVIL

O bello artigo do nosso distincto e velho amigo o sr. L. F. Marrecas Ferreira, inspirado pela leitura das *Memorias d'um ajudante de campo*, e a carta do nosso collaborador e bom amigo G. V. que no mesmo numero do *Tiro Civil* foi publicada, dão-nos occasião a pensar que o tiro nacional começa a atravessar o periodo difficil, em que se dará a crise que ha de salvar-nos, ou destruir por completo as ultimas esperanças que ainda conservavamos de ver este pobre enfermo, a que se chama Portugal, restituído ao amor e aos carinhos dos filhos que tanto o estremeçam.

Por outro lado escreve o sr. Marrecas Ferreira:

« Não ha bem que sempre dure, afirma-se, e a paz, em que temos vivido durante largo trecho, não pode, infelizmente, ser perpetua.»

Por outro lado escreve o sr. G. V.:

« O exercito só por si não pode ter a força precisa para defender a metropole e ainda menos para acudir aos vastos territorios do ultramar.»

Se approximarmos estes dois trechos, absoluta e completamente verdadeiros, facilmente concluiremos que no dia em que uma guerra europêa ameaçar o nosso socego e a nossa integridade, precisaremos levantar-nos como um só braço, como um só homem, e impor a todos a convicção de que, armados e exercitados, sabemos manter intacto o que é nosso, e defender efficazmente esses enormes e valiosos tractos de terreno, que os antepassados nos deixaram, e que mal temos sabido conservar, em parte.

Mas, para que da lucha terrivel e sinistra que de ha muito ameaça a Europa inteira; para que d'esse incendio devastador, que no Oriente começa n'este momento a mostrar os primeiros clarões, possamos sair incolumes, devemos lançar-nos resoluta e decididamente no caminho da educação militar e habilitar-nos a prestar ao exercito o auxilio e o esforço que ha de pedir-nos, tendo já vencidas as difficuldades da apprendizagem que demoram a organização dos batalhões e dos corpos de exercito e que podem invalidar, pela morosidade, as diligencias e os trabalhos melhor planeados e desenvolvidos.

Temos de ha muito arreigada no espi-

rito a idéa de que todo o cidadão deve ser soldado, nem comprehendemos que o tributo de sangue, o mais nobre, mas tambem o mais doloroso, seja unicamente pago por uma parte minima da população d'um paiz; nem do brio dos restantes podemos admittir que, chegado o perigo, se mostrassem pusilamines.

Mas as exigencias modernas não permitem que sem instrucção conveniente se organisem corpos de exercito e não será, certamente, á ultima hora que poderão exercitar-se os que hão de compor essas phalanges destinadas a fazer a guerra ou a manter a paz, evitando que os extranhos venham talar os nossos campos e destruir as nossas riquezas.

Assim o comprehendem as nações mais adeantadas, e nas carreiras de tiro que souberam espalhar por toda a parte e onde milhares e milhares de atiradores se exercitam todos os dias, tem creado nucleos importantes de resistencia e de combate, que hão de mostrar a utilidade e a previdencia com que, durante a paz, todos se preparam para a guerra.

E' este exemplo que devemos seguir todos, convencidos de que cumprimos um dever civico de que não é licito eximir-nos, conscios de que a Patria tem o direito de exigir-nos o sacrificio do nosso sangue e da nossa vida se tanto fôr preciso para salva-la.

As *Memorias d'um ajudante de campo* precisam ser lidas e meditadas por todos nós; ha nas suas paginas muitos exemplos que seguir, muitos conselhos que aproveitar; ha sobretudo a demonstração clara, terminante, positiva de que o cidadão deve ser soldado se quizer conservar á Patria a independencia, se quizer conservar-lhe a autonomia.

Atiradores civis portuguezes cumpri o vosso dever.

PALERMO DE FARIA.

## ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Do sr. Manoel Rodrigues Formosinho recebemos a carta que em seguida publicamos e a que não demos cabimento em o numero anterior por nos haver chegado ás mãos já depois de estar na machina o nosso semanario; por este mesmo motivo nem sequer podemos dizer que a tinhamos em nosso poder.

A carta é do theor seguinte:

Sr. Redactor.

Acabo de ler o *Tiro Civil* de 4 do corrente e deparo no artigo Associação dos Atiradores Civis Portuguezes com algumas palavras pouco lisongeiras ao meu character, sem duvida, devido a alguma má interpretação.

Quando pela ultima vez falei na Assembléa geral do dia 20 de Janeiro, disse que me assombavam as palavras que acabára

d'ouvir a varios membros da Direcção e que pelo facto de não ter assistido desde o começo da Assembléa, não sabia se fóra a minha proposta que dera origem a tão desagradavel incidente (pedido d'exoneração). Que fazia minhas as palavras do sr. Martinho Guimarães, que tão maravilhosamente havia interpretado o sentimento unanime da Assembléa e que na minha proposta e nas minhas palavras, onde tinha vizado unicamente os interesses da Associação, não havia a minima intenção d'offender pessoa alguma; mas o que não disse foi que retirava quanto tinha dito.

Nunca retiro as palavras que pronunciei, pois que antes de alizer sei medil-as para não susceptibilisar ninguem, *maximé* tratando-se da Direcção da Associação dos Atiradores Civis para quem não tinha nem tenho senão palavras de louvor.

Pela publicação d'estas linhas se confessa summamente grato, quem é

De V.

10-2-97

MANUEL RODRIGUES FORMOSINHO.

Permitta-nos o sr. Rodrigues Formosinho ligeiras observações á sua presada mas injusta carta. Escrevemos em o n.º 101, de 4 do corrente o seguinte: «... declarando o sr. Formosinho que a sua proposta fóra escripta unicamente na intenção de ser favoravel aos interesses dos atiradores civis e nunca na de offender ou magoar quem quer que fosse; mas que se tal fóra a interpretação dada ao seu escripto ou ás suas palavras dava inteira e completa satisfação e retirava tudo.»

A carta do sr. Formosinho vem confirmar a fidelidade do extracto que fizemos das palavras de s. ex.ª na assembléa geral da Associação dos Atiradores civis portuguezes, e não ha n'esse extracto palavra alguma pouco lisongeira para o character de s. ex.ª

Quando escrevemos que sua ex.ª *retirava tudo*, queriamos referir-nos ao que podesse ter sido interpretado como offensivo, ou considerado como capaz de magoar quem quer que fosse.

Affirmar s. ex.ª que não disse que retirava tudo, pois não retira nunca o que diz e sabe medir o valor das suas palavras, é collocar-nos na situação de pensarmos que s. ex.ª realmente não queria retirar coisa alguma, offensiva ou não, para a direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, e certamente está longe do seu espirito esta idéa; fazemos-lhe inteira justiça.

A nossa primeira resolução ao lér a carta do sr. Formosinho foi não lhe dar publicidade, pois facilmente se inferia d'essa carta que s. ex.ª era victima da intriga dos que ouvem e contam, mas não sabem ouvir nem contar, ou propositadamente transformam as palavras dando-lhes um azedume que não tiveram.

O sr. Formosinho já com a sua proposta apresentada á assembléa geral havia sido victima d'esta mystificação, pois que tendo estado sobre a mesa da assembléa geral a proposta da Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto durante uns quinze dias, não a viu se quer e formulou uma outra proposta, que era na essencia a mesma coisa, e differia apenas em pontos de ligeira ou quasi nulla importancia.

Caracter sincero e leal, o sr. Formosinho deixou-se embair pelas opiniões dos taes que não sabem ouvir nem contar, e deu com a sua proposta pretexto para uma discussão, escusada, inútil e sobretudo injustissima; e s. ex.<sup>a</sup> reconheceu-o, mas tarde, associando-se ás palavras do sr. Martinho Guimarães, presidente da Assembléa geral. Assim o confirma na carta ora publicada.

Com todos estes factos, com todas estas discussões nada lucra o tiro nacional; pelo contrario, os seus mais calorosos adeptos, os seus mais strenuos defensores hão de sentir-se desalentados perante a má vontade de alguns, a intriga de outros, e a inutilidade de terceiros, que tudo entravam e tudo prejudicam, sem collocar acima das questiunculas insignificantes e banaes, a generosa e patriótica intenção de generalisar a pratica do tiro nas classes civis.

Os que se convenceram de quanto era util, de quanto era nobre e de quanto era necessario e inadiavel levar a todas as camadas sociaes a convicção de que o tiro civil pode dar-nos força e vigor novo, e permittir-nos reoccupar no convívio das nações o prestigio que perdemos, sentem-se fundamente magoados com a má vontade dos que só vivem de enredos e trapalhices para invalidar esforços grandes e desinteressados, muitas vezes onerosos até, e que parecem estipendiados pelos inimigos da patria para impedir que o seu desenvolvimento moral e material correspondam ás aspirações do seculo.

O sr. Rodrigues Formosinho é dos que trabalham sinceramente; é d'aquelles que põem á disposição da boa causa todo o seu esforço, todo o seu trabalho, toda a sua intelligencia; por isso demos cabimento nas columnas do nosso insignificante semanario á sua carta, para assim lhe provarmos que o temos em boa conta; o que lhe pedimos, porém, é que se convença de que, se alguém faz intriga, se alguém pretende deturpar os factos e dar ás palavras proferidas interpretação que não tem, nem podem ter, não somos nós que fallamos desassombadamente e sem receio de que nos acusem com justiça de intenções más, ou de projectos menos regulares; o que lhe pedimos é que separe o joio do trigo, e encontrar-nos-ha sempre ao seu lado.

PALERMO DE FARIA.

## AS VISUAES

A proposito d'este interessante assumpto publicou o *Tir Nacional* de 13 do corrente a seguinte carta, que traduzimos, para que os nossos leitores vejam o interesse com que em França se tratam todos os assumptos que dizem respeito ao tiro, e como n'este grande paiz se reconhece a necessidade de facilitar e vulgarisar o tiro civil.

A carta que vamos dar e que se refere a um artigo do *Tir Nacional* por nós publicado em o numero anterior de 11 do corrente, é do theor seguinte:

Nantes, 26 de Janeiro de 1897.

Meu caro director.

Permitta-me, sob o titulo de atirador com todas as armas e de director d'uma carreira de tiro ha muitos annos, que lhe diga a minha opinião sobre a tão interessante questão das visuaes, sem querer discutir os argumentos contidos nas diferentes cartas publicadas pelo *Tir Nacional* de 26 de Janeiro.

Creio que seria muito desejavel que todas as sociedades de tiro adoptassem um modelo unico de alvos para cada distancia e para cada arma.

Penso que, para estabelecer estes alvos, seria preciso exclusivamente ter em conta a vista médiã e a força egualmente média dos atiradores.

A visual deveria, pois, ser antes facil de ver e a mosca facil de attingir.

Para a carabina Flobert a 12 metros, creio que a visual preenchendo melhor estas condições, deve ter mais de 0,015, ou de 0,016 a 0,018 e a mosca central pelo menos 0,007.

Para o revólver a 20 metros, a visual de 0,06 parece-me conforme aos mesmos principios com uma mosca central de 0,04.

Para o tiro reduzido a 20 ou 30 metros, parece-me que não haverá grande modificação a fazer ao alvo precedente.

Para 100 metros, carabina de precisão, tiro de pé, a visual minima de 0,25 que dá excellentes resultados com uma mosca central de 0,05 a 0,10.

Para 200 metros, carabina de precisão, tiro de pé, a visual de dimensões mais pequenas de 0,35 a 0,40 (melhor este ultimo) não deve ser adoptada collocando-se sempre sob o mesmo ponto de vista que mais acima indiquei como principio, e a mosca central não deveria ser inferior a 0,08 e superior a 0,15.

Para a Lebel a 200 metros, creio que será bom empregar o mesmo alvo que para a precedente.

Para a Gras, se ainda se empregar, a visual poderia ser a mesma com a mosca de 0,15 a 0,20.

A 300 metros, parece-me que uma visual de 0,45 a 0,50 com mosca de 0,20 a 0,30 se deveria adoptar, mas não tendo tido occasiões bastantes de estudar o tiro a esta distancia, não tenho convicção formada.

O numero das divisões a adoptar para os diferentes alvos, seria, cinco, ou dez. Grande numero de divisões facilita a classificação e anima o atirador. Acrescentarei que a maior dimensão dos alvos fóra das visuaes dá as mesmas vantagens.

As diversas apreciações que faço resultam não dos meus desejos pessoais, porque, segundo a minha opinião, cada atirador deve tentar preoccupar-se o menos possivel attendendo ao interesse geral, mas das observações que tenho feito desde que me occupo do tiro. Em todos os casos, dou-lh'as a titulo de informação de que fará o uso que entender conveniente para a grande causa do tiro a que todos somos dedicados.

Digne-se aceitar, meu caro director, a certeza dos meus melhores sentimentos.

F. ABADIE.

Principaes disposições da lei de caça da Roumania

É prohibido caçar desde o primeiro de Abril até ao 1.º de Outubro.

Durante todo o anno é permittida a

caça aos animaes nocivos taes como o urso, lobo, raposa e aves de presa.

Só é permittido caçar ás codornizes desde o primeiro de Agosto até ao 1.º de Outubro.

As lebres, javardos, gamos, cabras bravas e veados podem caçar-se desde o 1.º de Novembro até ao 1.º de Março.

É expressamente prohibido fazer uso de armadilhas, rêdes ou qualquer engenho para a apanha de codornizes, perdizes, bataridas ou gallos do matto, etc. A caça ao cysne, aden e ao pato bravo é prohibida desde o dia 1.º de março ao 1.º de outubro.

Todo o individuo que queira caçar deve estar previamente munido da respectiva licença.

Os proprietarios que queiram prohibir a caça nas suas propriedades devem mandar affixar editaes para conhecimento dos caçadores alem da indicação sobre o terreno.

\*\*\*

Como a legislação estrangeira sobre assumptos de caça é ignorada pela maior parte dos caçadores portuguezes e pôde haver entre estes alguns que desejem apoiar as suas opiniões ou fazer estudos sobre pontos ainda mal comprehendidos, na persuasão de que a muitos prestaremos serviço, iremos pouco a pouco dando conta dos extractos das leis europeias que conhecemos. Ao mesmo tempo as disposições d'essas leis, são a melhor defeza para algumas ideias por nós affirmadas na imprensa, porque digamos em abono da verdade, não conhecemos nenhuma que as contrariem na generalidade.

H. OLAVRAC

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

Extracto da acta da sessão de direcção em 9 de fevereiro de 1897

O sr. presidente abriu a sessão ás 8 horas da noute estando presentes os srs. drs. Korth e Anachoreta, Fontes e Dias Guilhermino da direcção. Fernandes, Lino e Thomaz Coelho do Conselho Fiscal.

O sr. Anselmo de Sousa pediu desculpa de não comparecer na sessão anterior e disse que a proposta da Associação Protectora da Caça, tinha sido apreciada na ultima reunião da assembléa geral da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes e approvada, não sem reparo, da parte de um pequeno grupo de socios d'esta Associação.

O sr. Fontes pediu a palavra para dizer que tinha estranhado o facto passado na assembléa geral da Associação dos Atiradores Civis e louvou o procedimento do sr. Anselmo de Souza; que lhe parecia que a Associação dos Atiradores Civis não devia desprezar o auxilio da Associação Protectora da Caça, auxilio ainda que temporario, porque acha que a Associação logo que tenha forças para isso deve arranjar séde propria.

O sr. D Korth lamentou o desagradavel incidente sobretudo por lhe parecer que isso feria pessoalmente o sr. presidente, e friscu a necessidade de se alcançar uma séde independente para a Associação.

O sr. Anselmo de Souza explicou o incidente, que foi devido a um mal entendido, sobretudo porque alguns socios da outra Associação, não tinham comprehendido a maneira porque era feito o pagamento da percentagem sobre as quotas e que sendo um dos fundadores e mantene-

dores da Associação dos Atiradores Civis, a proposta que dava como suspeitos os socios que pertenciam, ao mesmo tempo, ás duas Associações o tinha sobremaneira maguado, vendo-se na necessidade de declarar em nome da direcção da Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso que não admittia a mais pequena alteração na proposta apresentada e já approvada pela assembléa geral d'esta Associação.

A direcção foi unanime em applaudir o procedimento do sr. presidente e declarou que egualmente o acompanharia se o mesmo senhor tivesse ido mais além nas suas declarações.

O sr. dr. Anachoreta apresentou os bilhetes e cartões que tinha mandado fazer para uso da direcção, conforme estava autorisado pela resolução da direcção em sessão de 26 de janeiro findo. Declarou mais que tinha já tratado dos diplomas cuja importancia ajustára e que esperava em breve poder começar a distribuição.

O sr. dr. Anachoreta disse, que os actuaes estatutos creavam serios embarços á direcção e pediu a sua reforma. Foi discutida esta opinião e deliberou-se que o mesmo senhor formaria uma nota das difficuldades já encontradas, que não são poucas, para que dentro do artigo 49 dos estatutos se peça a sua reforma.

Mostrou tambem a difficuldade que havia na aquisição de socios por causa da cobrança, e disse que havendo individuos que desejavam entrar para socios nos districto de Vianna, Porto, Beja, Santarem e outros, estavam na expectativa da maneira porque a direcção resolvia este assumpto.

Ficou resolvido que nas localidades onde o numero de socios for grande se arranjassem um encarregado da cobrança e que de qualquer outro ponto, se receba a importancia da quota pelo correio ou em estampilhas.

O sr. Dias Guilhermino propoz que com urgencia, se imprimam 500 a 1000 exemplares de cartas para serem expedidas a todas as pessoas geralmente dadas ao divertimento da caça, ou que mesmo não o sendo possam com o seu valimento auxiliar a Associação.

O sr. Anselmo de Souza disse que n'uma das sessões anteriores se tinha deliberado que se aproveitassem umas circulares já impressas, e que tinham sido começadas a distribuir durante a gerencia da direcção transacta.

O sr. Dias Guilhermino retirou a sua proposta e pediu urgencia na expedição. Foi presente um officio do conselho fiscal.

Fizeram-se diversas declarações, com respeito a infracções commettidas. Foram apresentados socios os srs. Silverio Pedro da Rosa Bray, Antonio de Magalhães, Alvaro Martins d'Oliveira, Antonio Vaz Monteiro, Theodoro Domingues Garcia, José Alves de Souza, Alexandre Sampaio Caldas, Sabino Sampaio Caldas, Joaquim de Souza Martinho, Bernardino dos Santos Leitão, Othello Fidelino de Souza Figueiredo, Visconde de Tinalhas, Maximiliano Ramez, Antonio Filippe Dyonisio e Eduardo Magalhães.

## CARTA

**S**URPREHENDEU-NOS muito desagradavelmente a carta que em seguida publicamos do nosso distincto amigo e illustre collaborador o sr. Baptista de Sá, dirigida

ao nosso presado collaborador e tambem amigo o sr. J. P.

N'essa carta o sr. Baptista de Sá declara terminantemente, que a causa de nos haver abandonado com a sua collaboração não foram as allusões do sr. J. P., mas motivos que em carta particular nos deu a conhecer opportunamente.

Inserindo a carta do sr. Baptista de Sá não podemos deixar de acompinhal-a d'algumas palavras.

Não nos accusa a consciencia de falta alguma para com o sr. Baptista de Sá; houve uma troca de palavras que os nossos leitores conhecem por causa da revisão de provas e particularmente demos ao sr. Baptista de Sá todas as explicações que o caso pedia, e com que entendemos não dever massar os nossos estimaveis assignantes e leitores.

Vemos agora pela carta que publicamos que o sr. Baptista de Sá continúa melindrado comnosco e por esse motivo nos não quer honrar com a sua interessante e dedicada collaboração. Magôa-nos o facto, mas não podemos remedial-o, devendo, porem, declarar que, tendo pedido ao sr. Baptista de Sá todas as desculpas e dado todas as explicações, não lhe mereciamos o abandono a que nos votou.

O sr. Baptista de Sá não escreve para o *Tiro Civil* porque não quer; teve, tem e terá sempre as nossas columnas á sua ordem e encontrar-nos-ha sempre dispostos a dar publicidade a todos os seus escriptos e sentiremos que continue a privar-nos do seu auxilio.

A carta a que nos referimos é a seguinte:

Fevereiro 15 de 97, Porto.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. J. P.:

Suspeita V. Ex.<sup>a</sup> de que fossem umas referencias feitas a mim no seu artigo publicado no *Tiro Civil*, de 7 de janeiro, a causa de eu não ter collaborado nos ultimos numeros d'este interessante e utilissimo semanario. Não foram. Tranquillise, pois, V. Ex.<sup>a</sup>.

A causa é do conhecimento dos illustres Directores do *Tiro*, a quem, em carta particular, a communiquei opportunamente.

Permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> o laconismo da minha explicação, e que me subscreva com a maior deferencia

De V. Ex.<sup>a</sup>

Cr.<sup>o</sup> mt.<sup>o</sup> att.<sup>o</sup> e mt.<sup>o</sup> ven.<sup>o</sup>

BAPTISTA DE SÁ

## A ESPINGARDA DO FUTURO

**Q**UAL será a espingarda que substituirá as armas actualmente usadas? Tal é o assumpto de que se occupou recentemente o general allemão Wide, que se tem especialmente dedicado ao estudo do armamento.

O general admittre que a velocidade do tiro é muito sufficiente e que seria perigoso, sob o ponto de vista do fornecimento das munições, querer augmental-a ainda. Segundo elle, as potencias devem portanto adoptar, como arma de guerra, a espingarda authomatica que suprime quasi todas as operações mechanicas do carregamento, permite ao soldado concentrar toda a sua attenção sobre o alvo e apontar com socego, suprime o recuo e torna impossiveis os encravamentos.

As espingardas authomaticas conhecidas até hoje podem classificar-se em quatro

systemas differentes: 1.<sup>o</sup> cano movel para traz; 2.<sup>o</sup> cano fixo; 3.<sup>o</sup> cano fixo com tubo paralelo; 4.<sup>o</sup> cano movel para a frente. Os typos mais notaveis são o Maxjm, o Mannlicher e o Cei; este ultimo acaba de ser experimentado officialmente na Italia e deu, ao que parece, bons resultados.

Como se regula á vontade o pequeno calibre, o peso da carga, o peso do projectil, etc., não ha occasião de tratar das qualidades balisticas das espingardas authomaticas.

Trata-se simplesmente de utilizar nas novas armas a força do recuo para armar, carregar e fechar a culatra, de modo que não reste ao atirador senão provocar a partida do tiro para que o carregamento se effectue immediatamente; o numero de tiros a disparar corresponde, bem entendido, ao numero de cartuchos contidos no deposito, qualquer que elle seja.

O mechanismo das espingardas authomaticas é bastante simples; unicamente as molas, que estão submettidas a movimentos muito rapidos de compressão e de expansão, causam ainda algum recuo.

Nas ultimas experiencias feitas na Austria, algumas d'estas molas partiram-se depois de 10.000 tiros, outras estavam intactas depois de 40.000.

## CARREIRA DE TIRO

Domingo 14 do corrente

ALVOS

N.<sup>o</sup> 1 a 100<sup>m</sup>, normal; n.<sup>os</sup> 2 e 3 a 300<sup>m</sup>, circular; n.<sup>o</sup> 4 a 300<sup>m</sup>, normal; n.<sup>os</sup> 5 e 6 a 400<sup>m</sup>, normal; n.<sup>o</sup> 7 a 200<sup>m</sup>, figura de joelhos; n.<sup>o</sup> 8 a 200<sup>m</sup>, normal.

Arma Kropatchek 8<sup>mm</sup> m 1886.

Tiros disparados 610, resultado:

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 <sup>m</sup> , normal. ....	20	15
> > 200 <sup>m</sup> , normal. ....	50	36
> > 200 <sup>m</sup> , fig. de joelhos. ....	140	62
> > 300 <sup>m</sup> , circular. ....	90	56
> > 300 <sup>m</sup> , normal. ....	170	109
> > 400 <sup>m</sup> , normal. ....	140	92
Total. ....	610	370

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação, fizeram 240 tiros:

	Disp.	Acert.
Alvo a 200 <sup>m</sup> , fig. de joelhos. ....	40	18
> > 300 <sup>m</sup> , circular. ....	30	14
> > 300 <sup>m</sup> , normal. ....	80	47
> > 400 <sup>m</sup> , normal. ....	90	62
Total. ....	240	141

Os socios d'esta associação os srs: Adolpho Ferreira Lima, empregou uma serie de 10 tiros completa no alvo a 400<sup>m</sup>. Luiz A. Corrêa Saraiva, alvo figura de joelhos, em 10, 3 acertados; alvo a 200<sup>m</sup>, normal, em 10, 4 acertados; alvo a 400<sup>m</sup>, em 10, 6 acertados. Pedro Cannas, alvo a 100<sup>m</sup>, em 10, 4 acertados; figura de joelhos, em 10, 6 acertados. Ligorio S. da Silva, alvo, figura de joelhos, em 10, 5 acertadas; alvo 400<sup>m</sup>, em 10, 4 acertados. Agostinho Manoel de Souza, alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 20, 13 acertados; alvo a 400<sup>m</sup>, em 20, 16 acertados. M. Hermann, alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 20, 16 acertados; circular, em 10, 4 acertados, 400<sup>m</sup>, em 10, 7 acertados. Joaquim P. Corrêa d'Andrade, alvo a 200<sup>m</sup>, normal, em 20, 8 acertados. T. Baganha, alvo figura de joelhos, em 10, 4 acertados; circular em 20, 10 e a 400<sup>m</sup>, em 10, 9 acertados; João C. Pedrozo, alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 10 tiros 6 acertadas. Victor Carvalho da Silva, alvo a 400<sup>m</sup>, em 10, 6 acertadas.

Da Associação Estrella estiveram o sr. Thomaz Coelho, que fez 10 tiros no alvo figura de joelhos, empregou 6 balas; no alvo a 200<sup>m</sup>, normal, em 20 tiros empregou 16 balas. O sr. Gil Dias em 10 tiros no alvo a 200<sup>m</sup>, normal, empregou 3 balas.

Do Grupo Patria, o sr. Guilherme Silva, no alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 10 tiros, 8 acertados; figura de joelhos, em 30, 16 acertados; circular, em 10, 4 acertados.

Os socios do Grupo Suizo fizeram 140 tiros acertando 101.

O sr. A. Leuzinger, alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 10 tiros, 6 acertados; figura de joelhos, em 20, 11 acertados; circular, em 20, 18 acertados, sendo uma serie completa, fogo de pé; a 400<sup>m</sup>, em 20, 15, sendo uma serie de 9 acertados. R. Rogenmozer, alvo a 300<sup>m</sup>, em 10 tiros, 9 acertados. E. Kesselring, alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 20 tiros, 19 acertados; alvo circular, em 20 tiros, 16 acertados. P. Röhner, alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 10, 6 acertados; figura de joelhos, em 10 tiros, 3 acertados.

Do Grupo Lisbonense o sr. Manoel Antunes Barato, alvo figura de joelhos, em 10, 1 acertado; alvo 400<sup>m</sup>, em 20, 13 acertados.

Do Grupo do Atheneu os srs. Gustavo José de Jesus, alvo figura de joelhos, em 10, 3 acertados; 300<sup>m</sup>, normal, em 10, 4 acertados; alvo a 400<sup>m</sup>, em 10, 2 acertados. Lidro Augusto d'Almeida, alvo a 300<sup>m</sup>, normal, em 10, 7 acertados; alvo circular, em 10, 4 acertados.

## O CÃO DOENTE

(Continuação)

Esgana, rosca, ou mal dos cães novos

A doença dura ordinariamente de 20 a 40 dias. Ella é muitas vezes acompanhada; 1.º de ophthalmia muito grave, complicada com ulcerações na cornea lucida; 2.º de inflamações nos bronchios, pulmões e pleura; 3.º de irritação intestinal e das vias genito-urinarias; 4.º phenomenos nervosos e podem persistir quando os outros symptomatos tenham desaparecido completamente. As convulsões epilepticas são sempre fataes.»

Isto é o que diz o mestre, e eu acrescento que tenho observado que o cão além de se não sustentar nas pernas, tambem se não sustenta nas mãos; curva-se cambalêa e cahc.

Tive um cão a quem deram convulsões nervosas tão violentas que me cheguei a convencer que estivesse com raiva. Tinha os olhos brilhantes, a lingua secca, a respiração accelerada e quando lhe davam os ataques, corria á doida batendo com a cabeça pelas paredes e nos moveis. Em poucas horas, porém cahiu e nunca mais se levantou.

Muitos outros symptomatos podia mencionar mas a doença é tão vulgar que, o que fica dito, é mais que sufficiente para ser conhecido.

A idade em que o cão é atacado d'esta doença é dos tres mezes aos dois annos. Poucas vezes antes e poucas depois.

Raro é o cão que não é atacado, e não havendo todo o cuidado no tratamento, poucos são os que escapam d'ella, sobre tudo quando não andam em liberdade.

Mr. H. de la Blanchère diz no seu livro *Les chiens de chasse* que a epocha critica do ataque d'esta doença é na occasião da segunda dentição e algumas vezes antes.

Na sua opinião, a verdadeira causa d'esta crise provem da mudança anormal do regimen que a nossa civilisação impõe ao cão, que o torna omnivero e granivoro, quando elle é principalmente carnívoro, e tanto assim é, diz elle, que no principio da doença e antes de se aggravarem os symptomatos e de se achar atacado todo o organismo, se se der sempre carne a comer ao cão, faz-se abortar o mal.

Nunca verifiquei se a invasão da doença coincide ou não com a segunda dentição ou se vem antes. O que posso dizer é que a tenho visto atacar o cão desde muito novo até aos dois annos e até algumas, mas poucas vezes depois d'esta idade, mas antes dos tres annos assim como poucas vezes tambem depois dos doze mezes.

Fica dito o que sei sobre esta doença. No artigo seguinte direi o que sei sobre o seu tratamento.

(Continua).

NEMROD.

## MARTINI

MORREU ha pouco em Frauenfeld, capital da Thurgovia, sua patria adoptiva, Frederico de Martini, o inventor da espingarda d'este nome que todos os nossos atiradores conhecem.

Tinha sessenta e quatro annos e nasceu em Mehadia, na Hungria. Estudou engenharia em Vianna e em Carlsruhe. Em 1859, fez a campanha de Italia como official da engenharia austriaca, depois foi para a Suissa e trabalhou algum tempo nas officinas e fundições dos irmãos Sulzer em Winterthur; finalmente foi estabelecer-se como engenheiro machinista em Frauenfeld.

Foi aqui que se decidiu a tomar parte no concurso aberto pelo governo inglez para uma espingarda de guerra. Teve, em 1871, a satisfação de saber que, depois d'um anno de ensaios de espingardas de diversos modelos, o governo inglez se decidira a adoptar a sua, com uma modificação, isto é, aproveitando o cano da espingarda Henry. D'aqui veio o nome da espingarda Henry-Martini.

O inventor tinha tido insignificante lucro com a sua espingarda; tentou por isso estabelecer uma fabrica em Witten-sur-Rhin, perto de Essen, na Prussia, mas a empreza não deu resultado; então Frederico Martini dedicou-se ao aperfeiçoamento de machinas empregadas na industria. A sua machina de bordar foi adoptada em todas as officinas da Suissa oriental.

Nas suas horas de ocio occupava-se de musica e de poesia; compoz muitos poemas lyricos, que não deixam de ter encanto, mas que são muito menos conhecidos do que a sua espingarda.

## Espingarda de repetição

O major d'artilheria Mondragon, do exercito francez, é inventor d'uma espingarda de repetição do calibre de 6.<sup>m</sup>5, que produz uma velocidade inicial de 680 metros.

O movimento da culatra é rectilíneo. Um mecanismo engenhoso, posto que simples, permite carregar a espingarda e fazer fogo sem se servir do gatilho e obter assim maior rapidez de tiro.

O deposito, de forma muito differente dos que estão em uso, contem oito cartuchos e não incommoda nada o soldado no manejar da arma.

A espingarda pode ser empregada para o tiro simples ou de repetição.

## CAÇANDO, COMENDO E.... ROUBANDO

A machina silvou á sahida do tunnel do Rocio, e dentro em pouco a claridade pallida de uma madrugada apalina substituiu a treva nevocirenta. Os cães sobressaltados com a ressurreição da luz levantaram a cabeça esticando as prisiones que os acorrentavam aos supports dos bancos da pouco limpa carruagem e em breve assegurados dos motivos d'aquella subita transformação, enroscavam-se socagadamente cada um para seu lado.

O Andrade encadernado em verde pinheiro, ultimou a toilette que a precipitação da passagem do leito para a estação lhe não deixara apresentar em bon point. Ao nosso lado tres patuscos em amena cavaqueira cumprimentavam Baccho a largos e repetidos tragos.

Não tardou que ao longe para as bandas do norte umas nuvens leves nos viessem pôr em sobresalto; a pouco e pouco tornaram-se espessas, outras appareceram do nascente e toldando-se o ceu de polo a polo, a fatal chuva começou a cahir em fiadas paralelas suavemente inclinadas por uma leve viração do norte.

—E' do norte que venta, dizia eu, não deixando fugir esta esperanza como unica salvação para a caçada que julgava perdida.

—E' nevoa que levanta, acrescentou o Andrade.

—Talvez que o sol em aquecendo limpe a atomosphaera.

E a chuva augmentava constantemente ao passo que o comboyo diminuia o andamento; na subida da Malveira pareceu-nos que uma junta de bois tinha substituido a machina.

Um frouxo raio de sol coado pela nebrina humida veio encher-nos de alegria e o comboyo parava na estação do Ramalhal onde o nosso amigo e generoso hospedeiro Vasco Balsemão nos aguardava.

Preparadas as espingardas, soltos os cães, puzemo-nos em marcha para o pinhal em busca das bicudas. O Pó, o Dicho, o Ginota e a Esperteza corriam doidamente para desentorpecer os musculosos membros, mas a breve trecho a paixão obrigava-os a caçar com mais prudencia.

Ao passar n'um pinhal largo, os cães annunciavam caça e diligenciam parar a peça que lhes fugia, era uma tordoveia que baqueiou.

Mais adante uma gallinholha se levanta e depois outra e outra, e a fuzilaria repetiu-se espaçadamente até ás 3 horas da tarde, hora a que fomos fazer as honras ao farnel que nos esperava na quinta da Bogalheira.

—Mas é que está uma pouca vergonha de cabrito, e dizendo o Andrade abysmava a navalha, uma Rogers que tem historia, nas carnes macias que o Braz tinha trinchado.

(Continua).

H. OLAVRAC.

## Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

REUNIU hontem em sessão ordinaria a direcção d'esta sociedade occupando-se de assumptos de expediente e sendo admitidos novos socios.

Novamente se fallou na conveniencia de preparar os elementos convenientes e necessarios para se começar uma serie de conferencias, tendentes a generalisar a idéa do tiro civil e levar a todas as camadas sociaes o convencimento de que é preciso e indispensavel.

Tratou-se da questão das aulas de esgrima e gymnastica que vão ter novos horarios por se haver reconhecido que os actuaes não satisfaziam as necessidades dos socios inscriptos nas differentes classes.

## CORRESPONDENCIA

TEMOS em nosso poder cartas dos nossos collaboradores J. P. e J. J. da Silva a que a absoluta falta de espaço nos não permite dar cabimento n'este numero.

Fal-o-hemos no seguinte se assumpto urgente o não impedir.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica  
Rua de S. Paulo 216,